

LEITURA POLISSÊMICA E O DESENVOLVIMENTO DA AUTORIA

Aline Alves Portella¹, Carolina Fernandes²

1 – Acadêmica de Licenciatura em Letras – Português e Literatura, Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, alineportella.aluno@unipampa.edu.br; 2 – Profª Drª – Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

794

Este trabalho apresenta uma análise discursiva de textos dissertativo-argumentativos produzidos por alunos do ensino médio técnico, da cidade de Bagé/RS, levando em consideração a posição destes sobre a temática dos Direitos Humanos sala de aula durante as práticas de estágio, pelo viés da Análise do Discurso, de vertente francesa. O objetivo deste é analisar os textos produzidos pelos alunos em sala de aula, a fim de identificar se de fato a leitura polissêmica influencia no processo de autoria do sujeito. Para alcançar os objetivos, foi apresentada a metodologia desenvolvida através da descrição e análise de recortes selecionados, que permitiram identificar os inúmeros sentidos que os discursos mobilizaram e que foram materializados nos textos.

Palavras-chave: Leitura Polissêmica. Análise do Discurso. Sujeito. Autoria.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, propomos o estudo da autoria de texto dissertativo argumentativo através da leitura polissêmica a fim de compreender de que forma esta leitura influencia na escrita e posicionamento do sujeito-autor, e quais os sentidos produzidos através da escrita. Nesse contexto, é importante considerar o que cada parte desse processo pode contribuir e refletir no processo de autoria, considerando as condições de produção de cada sujeito.

O objetivo deste trabalho é identificar de que maneira a leitura polissêmica influencia no processo de autoria do sujeito, já que normalmente esses enunciadores são meros reprodutores do Discurso Pedagógico Escolar (DP), fazendo com que esse aluno-escrevente reproduza em seu texto aquilo que ele acredita ser esperado pelo professor.

O uso do argumento torna possível a formulação de novos discursos por meio da polissemia, pois esse sujeito rompe com os sentidos possíveis do discurso formulando novas Formações Discursivas (FDs), enquanto no processo parafrástico, o sujeito gira em torno do mesmo de diferentes formas, utilizando-se muito pouco, ou de nenhum argumento que embase seu posicionamento, girando sempre em torno de uma FD dominante.

Para Orlandi (2005, p. 37), a polissemia é uma ruptura dos processos de significação, um deslocamento dos sentidos”. Esse deslocamento de sentidos existente na polissemia que permite a criação de novas FDs, a multiplicidade de sentidos, o que torna possível a criatividade, o que dá um efeito de originalidade para o texto. A polissemia é a possibilidade do novo através dos múltiplos sentidos que o discurso oferece. Ela realiza uma ruptura em relação ao dizível, que é constituído através da posição que o sujeito ocupa, seja ela histórica, ideológica, ou social, determinando o tipo de discurso será produzido por este.

795

De acordo com Orlandi (2011), são três os tipos de DPs possíveis, sendo eles distintos de acordo com o objeto do discurso e o interlocutor: Discurso lúdico, discurso pedagógico polêmico e discurso autoritário. No discurso lúdico, a polissemia é aberta e o exagero é o *non-sense*; o discurso autoritário, o referente é oculto pelo dizer e a polissemia é controlada, tentando-se privilegiar determinado discurso para que ele seja único. O sujeito é instrumento de comando e o exagero é a ordem do sentido. E o discurso pedagógico polêmico, onde as perspectivas do interlocutor são direcionadas através da polissemia controlada sem que haja privilégio por um ou outro discurso, buscando-se sempre evitar a injúria.

[...] o discurso polêmico mantém a presença do seu objeto, sendo que os participantes não se expõem, mas ao contrário, procuram dominar o seu referente, dando-lhe uma direção, indicando perspectivas particularizantes pelas quais se o olha e se o diz, o que resulta na polissemia controlada (o exagero é a injúria) (ORLANDI. 2011, p. 15)

No DP Polêmico, a polissemia é controlada e cada autor direciona o seu discurso, havendo então a produção de efeitos de sentido possíveis pois, através da polissemia, esses sujeitos mobilizarão seus discursos trazendo pressupostos de uma ideologia dominante que partem do interdiscurso.

Acredita-se que através do DP Polêmico em sala de aula, se estimula o diálogo, desenvolvendo a criticidade e auxiliando na reflexão sobre o mundo a sua volta, tornando-os sujeitos argumentadores, o que poderá favorecer o processo da autoria

Feita esta breve introdução, passamos à organização deste trabalho. Na segunda seção, serão apresentadas algumas considerações referentes às

teorias que o nortearam. Na seção seguinte, serão expostos os procedimentos metodológicos, e posteriormente, a análise dos resultados e considerações.

METODOLOGIA

796

Considerando que a Análise do Discurso é uma disciplina não-positiva e que lida com a metodologia de forma peculiar, ela se desenvolve com base nos pressupostos Pecheutianos, onde o discurso é o objeto de análise dessa relação entre língua e ideologia. De acordo com Orlandi (2005) o discurso se origina no interdiscurso e dá origem a novas FDs, o que faz com que ele não seja um objeto sistemático, não podendo, portanto, ser delimitado devido à infinidade de sentidos que ele possui.

A metodologia em AD é um estudo da linguagem, já que a análise do *corpus* da pesquisa se dá de maneira em que o processo de descrição e análise dependem intimamente das condições de produção do discurso, e este é o resultado do efeito de sentido entre os locutores.

[...] o analista se depara com o seu objeto de análise, tropeça nele, ou seja, ao perceber a especificidade de determinada materialidade em certas condições de discurso, o analista observa a possibilidade dessa materialidade ser objeto de discussão pelo viés da teoria materialista dos sentidos. Essa então, é uma das formas como o processo analítico pode começar: o encontro entre o olhar atento do analista com algo que parece estabelecer uma relação específica com ideologia. (FERNANDES e VINHAS. 2019, p.145)

A escolha do objeto de análise desse trabalho se deu, durante o estágio curricular, quando após abordar a temática de DHs, por meio do DP Polêmico, percebeu-se o deslizamento de sentidos da expressão Direitos Humanos e de humanos, nos enunciados proferidos pelos alunos. Por se tratar de um processo analítico, objeto, método, teoria e análise nas discussões em AD são indissociáveis. É possível a materialidade ser o objeto de análise de tais teorias, por estabelecer uma relação específica com a ideologia, já que o objeto de estudo se dá a partir da existência das diferentes FDs. A delimitação do tema da pesquisa se dá a partir das condições de produção no tempo e espaço, como foi

o caso dos enunciados proferidos em sala de aula pelos alunos “bandido bom é bandido morto”, “direitos dos manos”, entre outros.

É importante enfatizar o caráter material que constitui a Análise do Discurso, o que, em poucas palavras, significa que todo o processo analítico não parte da teoria, mas sim, da *práxis*. Então, nosso dispositivo teórico-analítico se coloca no avesso do idealismo, encontrando o funcionamento ideológico a partir daquilo que se coloca materialmente. (FERNANDES, VINHAS. 2019, p.145)

Portanto, é a partir dessas condições que se determina o desenvolvimento teórico-metodológico e a coleta dos textos-base que foram analisados, não por se partir dos sentidos produzidos pelos locutores, mas por se observar o modo como este sentido foi produzido e pela constituição do sujeito que o produziu.

Essa seleção de textos, enunciados e marcas linguísticas articuladas às teorias da AD são analisadas por meio de recortes, que, de acordo com Orlandi (1984, p.14), “é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, o recorte é um fragmento da situação discursiva.” O texto é o todo em que se organizam os recortes, e ele tem o compromisso com a situação discursiva – condição de produção. É através desses recortes que se determina como as relações textuais são apresentadas.

Sendo analisadas, portanto, as FDs implicadas na interpelação ideológica a partir do processo de multiplicidade de sentidos. Esse processo de análise não dá conta do processo de produção e circulação dos sentidos, pois ele deve relacionar processo discursivo às suas condições de produção. De acordo com Fernandes e Vinhas (2019, p. 148), “todo esse processo se dá de forma heterogênea, instável, dependente das condições de produção do discurso e da relação da formação discursiva com o interdiscurso.” Como todo dizer é heterogêneo, é através desse movimento que é realizada a análise do material observado, a fim de justificar a configuração de determinada FD, revelando a opacidade do texto e expondo sua relação entre o dito e o não-dito baseado no complexo de FDs que constituem o interdiscurso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A AD lida com os procedimentos metodológicos de forma peculiar, traça um relação entre língua e ideologia que não pode ser limitada devido aos inúmeros sentidos que os discursos possuem e suas condições de produção. Dessa forma, como objeto de análise deste trabalho, foram selecionados recortes de três textos que apresentam antagonismo ideológico a fim de verificar o efeito de sentido produzido no discurso, consideradas suas condições de produção, identificando de que forma a leitura polissêmica influenciou no processo de autoria desse sujeito e se houve ou não a tomada da posição sujeito-autor.

Para Orlandi (1995, p. 114), “o objetivo da AD é compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, sendo ele concebido enquanto objeto linguístico-histórico”. O texto é uma das formas de materialização do discurso, e através dele pode-se observar a movimentação dos sentidos dos enunciados.

Durante a prática de estágio observou-se que em uma das turmas alguns alunos reproduziam discursos anti-DHs, proferindo enunciados em, muitas vezes pejorativos, que circulam na sociedade, beirando a injúria. Este antagonismo refletido na coleta de informações foi utilizado para compor o *corpus* de análise deste trabalho, tendo sido selecionados um texto pró-DHs, um texto anti-DHs, e um texto onde o sujeito-autor possui uma opinião contraditória sobre o assunto, e suas respectivas reescritas, buscando-se em cada recorte identificar a FD em que o sujeito-autor está inserido e observando-se o não-dito.

CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento do projeto, pode-se perceber que a leitura polissêmica promoveu uma reflexão sobre os DHs onde o sujeito-aluno percebeu a importância de leis que protejam os indivíduos indiferente de suas ideologias, crenças religiosas, e que garantam a homens e mulheres condições de terem uma vida digna. Esse debate sobre a DHs abriu várias possibilidades de reflexão,

através do DP polêmico, quando houve a identificação e compreensão da noção de direitos para a sociedade e que essa garantia de direitos é para todos da mesma forma. Enquanto alguns, apenas incluíram uma nova parcela da sociedade na condição de humano, como foi o caso da aluna que concluiu que “alguns mendigos também são humanos. Mas somente aqueles que não roubam e que foram parar nas ruas por falta de opção”, o que de alguma maneira não classifica qualquer mendigo como um ser humano.

Desta forma, acreditamos que a leitura polissêmica tenha possibilitado um grau de autoria nos textos dos alunos, refletindo uma posição-sujeito identificada com determinadas FDs às quais estão filiados através da criticidade e da possibilidade de reflexão, o que favoreceu o processo de autoria.

799

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Carolina. VINHAS, Luciana. Da maquinaria ao dispositivo teórico-analítico: a problemática dos procedimentos metodológicos da análise do discurso. **Linguagem em (dis)curso**. Lem D. Tubarão, v.19, n.1, p.133 a 151, jan/abr., 2019.

ORLANDI, Eni P. A linguagem e seu funcionamento. **As formas do discurso**. 6 ed. Editora

Pontes. São Paulo, 2011.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: Princípios & Procedimentos**. Editora Pontes. São Paulo, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto**. Organon – Revista do Instituto de Letras UFRGS, V.9, n 23, 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29365/0>> Acesso em 19 de agosto de 2020.

ORLANDI, Eni P. “Segmentar ou recortar?” **Linguística: questões e controvérsias**. Série Estudos 10. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984.